SINTAXE DA PREDICAÇÃO SECUNDÁRIA DEPICTIVA E RESULTATIVA NO JAPONÊS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Brenda Stephanie de Araújo Antunes (PROVIC), Prof. Dr. Marcos Carreira (Orientador), e-mail: marcos.carreira@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

8.01.00.00-7 – Linguística, 8.01.01.00-3 – Teoria e Análise Linguística

Palavras-chave: Predicação Secundária, Português Brasileiro, Japonês.

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar dados de predicação secundária em português brasileiro e japonês, em busca de compreender as semelhanças e diferenças dessas estruturas. Para realizar essa investigação tomamos como base o quadro teórico da Gramática Gerativo-Transformacional, (cf. Chomsky, 1986). Considerando a complexidade do tema para uma primeira abordagem, partimos de uma definição para os fenômenos da predicação e, predicação secundária, análise de casos em PB, para então seguir com exemplos em japonês, a fim de estabelecer a comparação. Para essa investigação, usamos como base teórica as análises clássicas de predicação e predicação secundária. Os resultados contribuíram para uma melhor compreensão a respeito das teorias existentes sobre o tema.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar comparativamente o fenômeno da Predicação Secundária (PS) no Português Brasileiro (PB) e, no japonês (J). E para Isso, inicialmente e necessário que compreendamos o fenômeno da PS. Então, propomos um estudo que visa o reconhecimento de sentenças em que esse evento ocorre no PB, e a existência, ou inexistência, de semelhanças com os casos do J. Apresentamos aqui uma visão sobre predicados secundários a partir do trabalho de Foltran (1999) e Franchi (2003).

Revisão de literatura

A partir dos dados propostos por Foltran (1999), Bertucci (2014), Asada e Koizumi (1994), fizemos um levantamento de sentenças do PB e do Japonês que seriam pertinentes a análise. Trata-se de uma revisão da literatura, já que a pesquisa segue essencialmente bibliográfica. Os materiais utilizados se restringem aos livros impressos ou eletrônicos e, artigos acadêmicos. Os dados, por sua vez, são conseguidos a partir dos artigos impressos e *on-line*. Não foram empregados quaisquer experimentos ou entrevistas.

Resultados e discussão

Para delimitarmos os contextos em que a Predicação Secundária (PS) ocorre, partimos de um ponto de vista teórico, depois disso, passamos a análise empírica dos dados coletados em busca de generalizações e particularidades em PB e Japonês (J), que pudessem contribuir para a literatura desta área. Sabemos que para que tenhamos uma sentença de PS é necessário que o sujeito da PS seja marcado tematicamente por outro núcleo lexical. Assim, adotamos a definição de predicados secundários apresentada "em Rothstein (1983), que estabelece que o predicado secundário atribui um papel-θ a um argumento já tematizado na relação de predicação primária." (FRANCHI, 2003, p. 191) Em termos mais simples, a PS trata-se de uma "predicação que se dá com um sujeito que já participa de uma relação de complementação ou de uma predicação primária." (CARREIRA, 2015, p. 34) Ainda em Franchi (2003), temos a definição de predicado desenvolvida por Lyons (1977 *apud* FRANCHI, 2003, p. 19): "LYONS (1977, p. 148) define predicado como um termo que é usado em combinação com um nome a fim de dar alguma informação sobre o individuo a que o nome se refere: i.e. para atribuir-lhe alguma propriedade."

Consideremos os seguintes dados:

(1) a. João chegou cansado.
b. João comeu a carne crua.

Em (1)a "João" recebe o seu papel-θ de *chegou* e de *cansado*. Em (1)b, o constituinte "a carne" e marcado tematicamente por *comeu* e por *crua*. Portanto, tanto João como a carne recebem papel-θ de dois núcleos diferentes. A essa atribuição de papel dá-se o nome de Predicação. Ainda em (1)a podemos notar que o adjetivo predicativo (*cansado*) se volta para o sujeito da oração (*João*), formando o chamado **predicado secundário circunstancial** (Foltran 1999), enquanto que, em (1)b, o adjetivo predicativo (*crua*) e predicado do objeto direto (*a carne*), decorrendo o chamado **predicado secundário depictivo**.

Agora, consideremos os seguintes dados do Japonês:

(2) a. John-ga kuruma-o ni-dai sinpin-**de** *kat-ta*
John-NOM carro-ACC dois-CL new-DE buy-PAST
'John comprou dois carros novos.'
b. John-ga kuruma-o ni-dai makka- **ni** *nut-ta*
John-NOM carro-ACC dois-CL bem vermelho-NI pintar-PAST
'John pintou dois carros bem vermelhos.'

Temos nestes exemplos, também, duas instâncias de predicação: uma que se dá entre os verbos *kat-ta* e *nut-ta* e o complemento "carro", e outra entre "carro" e os adjetivos *sinpin-**de*** e *makka-**ni***. A predicação secundária apresenta-se em duas formas: **depictivas** e **resultativas**. Sendo as construções **depictivas** aquelas que descrevem o estado do objeto no momento da ação do predicado matriz.

As **resultativas** são aquelas que descrevem o estado de um argumento que resulta da ação denotada pelo verbo (cf. Simpson, 1983). Em outras palavras, referem-se ao estado "resultante" da ação presente na predicação primária.

Segue-se uma resultativa da língua inglesa:

(3) a. John hammered the metal flat.
John martelou o metal chato/achatado
'John martelou o metal ate achatar'.

Em 3a temos o resultado "flat" (achatado) que decorre da ação de "John hammered" (John martelou), exercida sobre o objeto "the metal" (o metal). Assim, o ato de *martelar o metal* tem como **estado resultante** o *achatamento* do metal. Vale ressaltar que a interpretação deste dado numa tradução (palavra a palavra) para PB impossibilita o entendimento desta sentença como uma PS resultativa:

(4) a. John martelou o metal achatado.
'Foi o metal achatado que John martelou.'
'*Foi o metal que John martelou achatado.'

Em PB a interpretação de que o metal não era achatado antes da ação de martelar é impossibilitada. Ao sujeito falante usar a sentença (4a) buscando uma interpretação como a do inglês (3a), sem o acréscimo de nenhum sintagma, e entendido como inadequado, visto que gera agramaticalidade. O adjetivo "achatado" é um delimitador da ação de "martelar", mas sozinho é insuficiente para ser entendido como resultado da ação, pois "martelar" não acarreta, necessariamente, um estado resultante que modifica o estado do tema, tal estado deve vir de outro elemento na sintaxe." (BERTUCCI, 2014, p. 633). BERTUCCI (2014) defende que existem resultativas no PB, mas diferem do inglês. Propõe as chamadas "resultativas infinitivas", formadas por "uma oração no infinitivo, dentro de um PP adjunto nucleado pela preposição "até."" (p. 634)

(5) a. John martelou o metal *até* ***achatar.***

A preposição "até" infere a necessidade da ação "martelar" ser exercida pela duração necessária para que "achatar" seja alcançado. Desta forma, o resultado "achatado" só será possível na culminância da ação "martelar". Trata-se de uma ocorrência em que o estado final do objeto (metal) só existirá por decorrência da ação verbal. Nas palavras de FOLTRAN (1999): "Os predicados resultativos são um tipo especial de predicado secundário que só pode se aplicar ao objeto direto. A sua tarefa e descrever o estado final do objeto direto, que só existe a partir da ação verbal." (p.49). Já no japonês a ocorrência de resultativas é mais presente. E difere-se claramente dos casos das depictivas. Isso explica-se por uma especificidade morfológica desta língua que a difere de outras como o PB e o Inglês.

(6) a. John-ga kuruma-o sinpin-**de** ni-dai kat-ta
John-NOM carro-ACC novo-DE dois-CL comprar-PAST
'John comprou dois carros novos.'
b. John-ga kabe-o massiro-**ni** nut-ta
John-NOM parede-ACC muito-branco-NI pintar-PAST
'John pintou a parede muito branca.'

Em 6a temos o predicado secundário *sinpin (*novo*)* numa relação de predicação com *kuruma-o (*carro*)*. Por sua vez, *kuruma-o* recebe papel temático de *kat-ta* (comprar-PAST) com o qual estabelece uma predicação primária. Portanto, em (a) ocorre uma predicação secundaria orientada para o objeto, já que "novo" predica "carro", e "comprar" também toma "carro" numa relação de predicação (ou de atribuição de papel temático). Esta PS e depictiva, pois trata-se da descrição do objeto no momento delimitado pela ação do predicado matriz. A literatura consultada (TAKEZAWA 1983, Asada (sd), KOIZUMI 1994) defende que o morfema "**de**" posterior a "novo" é um conectivo que marca esta relação como uma predicação secundaria depictiva.

Em 6b temos o predicado secundário *massiro* (muito branco) numa relação de predicação com *kabe-o (parede)*. E *kabe-o* que e complemento de *nut-ta* (pintar-PAST) e dele recebe papel temático (numa primeira predicação) e participa de uma segunda predicação na relação com *massiro*. Nesse dado, ocorre uma predicação secundaria resultativa, que e marcada pela partícula "**ni**" posterior a "muito branco". Esta PS refere-se a uma resultativa, pois o ato de "pintar" não acarreta no resultado "muito branca". Esse "resultado" marca o ponto final do evento. Assim sem o AP "muito branca", seria um evento sem ponto final claro (telicidade). Assim, em japonês, as depictivas têm a estrutura "NP + *de*" e as resultativas "NP + *ni*".

Conclusão

Com essa pesquisa pudemos concluir que os predicados secundários são casos bastante restritos no Português Brasileiro, pois se limita a realização da predicação secundária *depictiva* e não apresenta casos claros de predicação secundária *resultativa*, quando comparados ao Japonês. Isso se dá pelas diferenças nas estruturas das línguas, em especial porque os predicados secundários no PB exigem um contexto específico para ocorrer, e no Japonês isso se dá por demarcação morfológica, por meio do uso de **"-ni"** e **"-de"**. Com essa pesquisa foi possível conhecer algumas propriedades estruturais do Português e do Japonês com relação a forma de realização da Predicação Secundária depictiva e resultativa.

Referências

ASADA, Yuko. "Secondary Predication in japanese and Aspectual Structure". Manuscrito.

BERTUCCI, Roberlei. Construções resultativas infinitivas em Português Brasileiro. Rev. Alfa, são Paulo, 58 (3): 623-644, 2014

CARREIRA, M. B. *Predicação e Ambiguidade de Projeção: uma teoria unificada.* Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FOLTRAN, M. J. *Predicados Secundários no Português do Brasil*. 206 f. Tese (Doutorado em Letras) — USP, são Paulo, 1999

FRANCHI, "Predicação", Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.11, n.2, p.17-82, jul./dez. 2003

KOIZUMI, Masatoshi, Secondary Predicates, Journal of East Asian Linguistics, February. 1994.

LOBATO, L. Afinal, existe a construção resultativa em português? In: NEGRÃO, L.;